

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno	Semest.	Trim	N.º
	36 n.º	18 n.º	9 n.º	à entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3\$800	1\$900	6950	\$120
Possessões ultramarinas (idem)...	4\$000	2\$000	—	—
Extrang. (união gera! dos correios)	5\$000	2\$500	—	—

17.º Anno — XVII Volume — N.º 567

21 DE SETEMBRO DE 1894

Redacção — Atelier de Gravura Administração
Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empresa do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsável Caetano Alberto da Silva.



CHRONICA OCCIDENTAL

Aqui ha annos, no cemiterio do Alto de S. João, n'um enterro a que eu fui por engano, julgando acompanhar á sua ultima morada o pae do meu senhorio d'então, convicto de cumprir assim um dever de inquieto delicado e acompanhando no fim de contas um morto que nunca soube quem era, surprehendi entre dois dos convidados este pequenino trecho de dialogo que nunca mais me esqueceu:

— Muita gente tem morrido ha uns tempos a esta parte, dizia com ares de pessimista um d'elles, apontando para um morto que sahia da capella já encommendado precisamente na occasião em que o nosso morto entrava para se encommendar.

— É verdade, concordou amavel o outro, tem morrido muita gente!

— Muita? repetiu o primeiro, não se contentando com o adverbio, immensa!

E nos seus olinhos pretos muito vivos havia um não sei que da alegria triumphante d'um agente de funeraes nadando em maré de rosas.

O outro, como que tendo certo enguiço com a satisfação que trahbordava d'esse «immensa» apressou-se a corrigir essas farroncas de cangalheiro feliz.

— Immensa, não! Tem morrido tanta gente como nasce!

— Qual historia! protestou logo o outro indignado pelo caso não ser tão feio como elle o pintava. Tem morrido muito mais gente!

— Não, senhor! Ainda hontem os jornaes traziam a estatística dos nascimen-

tos e dos obitos no mez passado! Anda uma coisa pela outra.

— Ah! anda? repetiu o pessimista profundamente desconsolado e embatucando com as estatísticas.

Mas não se deu por vencido: recolheu-se um momento ao silencio dos meditados, e depois de curta pausa voltou triumphante á sua.

— Pois sim; pôde ser que morra tanta gente como nasce, mas o que com certeza não acontece é nascer tanta gente conhecida como morre.

Por sua vez o outro embatucou.

Passou em revista mentalmente as pessoas conhecidas que n'esses ultimos tempos tinham morrido e viu com assombro que dos nascidos pouquissimos ou nenhuns eram conhecidos, quer de nome, quer de vista, e curvando a cabeça ante a verdade terrivel do victorioso argumento, concordou esmagado:

— Lá isso é verdade!

Ora actualmente está-se dando com uma assustadora frequencia o facto a que alludia esse tal

convidado pessimista do enterro a que eu fui por engano: não sei se tem ou não nascido muita gente conhecida, mas morrido, tem com certeza e d'ahi a metamorphose fatal da chronica da vida em Lisboa em chronica da morte em Lisboa e a transformação do chronista lisboeta n'um papel que tem o seu quer que seja de parecido com o de gato pingado.

Nós temos por esse papel um profundo horror; fugimos quanto possivel de fazer das nossas chronicas artigos de necrologia, mas quando os assumptos funebres occupam o primeiro logar entre os acontecimentos da semana, como ultimamente tem occupado, não ha maneira de fugir a essa desagradavel transformação.

Esta semana, por exemplo, tivemos ainda a morte do sr. conde de Paris na ordem do dia, quasi que permanentemente, pois apesar de não se ter dado em Portugal, essa morte enluctou de tal modo a familia real portugueza, feriu tão pungentemente no seu coração de filha amantissima a excelsa rainha dos portuguezes, que se tornou um verdadeiro acontecimento no nosso paiz.

Sua magestade a rainha D. Amelia regressou no domingo 16, a Lisboa, da tristissima viagem que os extremos do seu affecto filial a levaram a emprender para receber o ultimo suspiro do seu estremecido pae e assistir



CONDE DE PARIS

FALLECIDO EM STOWE-HOUSE, NO DIA 8 DO CORRENTE

aquella lugubre e dolorosa tragedia de Stow-House.

Na *gare* do Rocio, onde chegou ás 9 horas e meia da manhã, acompanhada por seu augusto esposo que a tinha ido esperar ao Entroncamento, Sua Magestade era esperada por numerosa multidão, em que figuravam, além do ministerio, altos dignatarios e elevadas personalidades da corte, muitas pessoas que sem representação official iam ali unicamente levadas pela profunda e respeitosa sympathia, que tributam á illustre soberana.

Depois de, n'uma das salas da estação ter recebido os cumprimentos de todas as pessoas que a esperavam, Sua Magestade seguiu para Cintra onde vae passar, no seu palacio da Pena, os primeiros tempos de luto pesado.

Ahi, na Pena, Sua Magestade, recebeu na terça feira os pezames do corpo diplomatico, e na quarta feira deu recepção a todas as senhoras que quizeram ir apresentar-lhe os seus sentimentos.

Em varios pontos do paiz tem se celebrado exequias e resado missas por alma do sr. conde de Paris, e preparam-se para breve exequias solemnes na igreja de Santo Antonio da Sé, e de todas estas manifestações de sentimento por morte do sr. conde de Paris, que são demonstrações de respeito, de sympathia, de affectuosa consideração pela grande dôr que enlucta o coração de Sua Magestade a rainha, é bem merecedora a augusta princeza que pelas suas altas virtudes e pelos seus exceptionaes dotes de coração e de espirito, tão bem se tem sabido fazer querer e adorar pelos portuguezes.

Com um laconismo que briga com a prolixidade de pormenores de que é prodigo para com as noticias mais banaes, noticiaram ha dias os jornaes de Lisboa a morte d'um homem, que não occupando nenhum cargo em evidencia no mundo official, era muito conhecido e muito querido em Lisboa, e, tendo elle proprio uma individualidade artistica muito accentuada, pertencia a uma familia d'artistas de raça — a morte de Jorge Veiga.

Irmão do visconde do Arneiro, o illustre maestro da *Derelicta*, que está actualmente em Mattosinhos, dando a ultima mão na sua opera *D. Bibas*, irmão do barytono João Veiga, um grande artista ha annos fallecido, Jorge Veiga não era um artista de profissão, mas era um amator de musica dos mais illustres que tem havido em Portugal, um entusiasta da divina arte, um dilettante que tinha a alma d'um artista e a sciencia d'um mestre.

Apparentado e relacionado com muitas familias das mais illustres de Lisboa, Jorge Veiga era querido e estimado em toda a parte pelo seu bello caracter e pelo seu delicado talento.

Muito alegre, muito jovial, promotor infatigavel de concertos, de saraus musicas, de festas em que a musica tinha sempre o primeiro lugar, relacionado com tudo quanto era artista, Jorge Veiga ha uns annos a esta parte, andava afastado de convivencias, bisonho, triste, mysanthropo.

E' que, coitado, já se sentia doente e muito doente e se não tinha, felizmente, a consciencia do mal terrivel que o minava e que fatalmente o havia de matar em breve, tinha o presentimento d'esse fim proximo, e luctava com os primeiros effeitos d'essa doença terrivel, um dos quaes era a cegueira que o entristecia muito, que o fazia fugir de todas as festas, de todas as reuniões em que d'antes tanto se divertia!

Ha mezes já que não viamos o Jorge Veiga. A ultima vez que estivemos com elle foi n'uma cerimonia bem triste e bem dolorosa para nós — no enterro do pobre e querido Fernando Caldeira, de quem Jorge Veiga era amigo intimo e parente.

Depois nunca mais o tornámos a vêr. Sabiamos que elle estava muito doente, que era um condemnado, mas não pensavamos que estivesse para tão breve a execução da sentença.

Ha noites ao sahir de casa encontrámos á porta da igreja de Santos um carro negro d'onde sahia um caixão que ia depositar-se na igreja.

Por curiosidade perguntamos quem era.

— É o Jorge Veiga!

Ficámos como que fulminados!

Pobre Jorge Veiga!

Poucos dias sobreviveu ao D. Francisco d'Almeida, seu amigo intimo, tio de sua mulher, e que n'essa mesma igreja esteve ainda ha semanas depositado!

Pobre Jorge Veiga! pobre amigo!

A sua ex.^{ma} esposa e a seus irmãos os nossos sinceros pezames.

E não pára aqui a funebre lista.

Theodoro da Mota, o Mota do desenho, o Mota do Lyceu, lá vae já tambem!

Morreu em Mafra onde ha 67 annos tinha nascido e ficou ante-hontem, 19, depositado no seu jazigo no cemiterio dos Prazeres.

Era muito amigo d'elle, como todos os rapazes que com elle tinham estudado e esses rapazes são todos os que tem cursado o lyceu de Lisboa n'estes ultimos trinta e tantos annos, e elle era muito meu amigo, como era amigo de todos os que tinham sido seus discipulos.

Tomára-me eu no dia em que o vi pela primeira vez, na rua dos Mouros, no collegio do velho Godinho, o calligrapho celebre, ha trinta e dois annos, nem mais nem menos.

Collaborava então elle com o Godinho no *Compendio de desenho linear*; um compendio a que eu tinha tanto odio quanta sympathia tinha pelo Godinho e pelo Mota, porque se sempre gostei muito d'elles dois, embirrei sempre muitissimo com o desenho, para o que tinha uma negação tão profunda que ha 32 annos nem um momento sequer se desmentiu.

O Mota era n'esse tempo um rapaz muito alegre e tinha uns modos francos e expansivos de provinciano que captavam logo todas as sympathias.

Esses modos e essa alegria acompanharam-n'o até ao fim da vida, porque ainda ha poucas semanas o abracei, na Avenida, ao pé da sua casa, de que elle gostava tanto, e estivemos a conversar com a mesma jovialidade de todas as vezes que, lá de quando em quando, nos encontrávamos, dos nossos bons tempos do Godinho e do lyceu.

E mal sabia eu quando a rir me despedia d'elle, que me despedia d'elle para sempre!

Que durma tranquillo e sereno o grande somno!

E paga esta divida á memoria d'aquelles que passaram, terminaremos a nossa chronica com assumptos mais alegres — a estreia da companhia de zarzuela no theatro de D. Amelia, por exemplo, que é uma companhia bem alegre e bem alegre o repertorio que ella tem: — o *Duo da Africana*, a *Gran Via*, os *Zangolotinos*, o *Chateau Margaux*, e todas essas zarzuelas modernas, a que os hespanhoes chamam *zarzuelas chicas*, e que é tudo o que ha de mais divertido no repertorio hespanhol.

A *estrella* da companhia é uma portugueza, a tiple Maria Gonzales, que nasceu em Elvas, segundo reza a chronica, que foi para Hespanha aos 11 annos e que hoje é em Madrid uma das *primas-donnas* d'este genero de zarzuela.

Maria Gonzales é interessante, elegante, tem boa voz e sobre tudo tem alegria, que é o melhor dote, que é o verdadeiro talento n'este genero de arte theatral.

A companhia teve um verdadeiro successo e assim devia de ser.

Não ha nada mais interessante, mais jovial, mais divertido que a *zarzuela* ligeira, a zarzuela alegre representada alegremente por hespanhoes, como não ha nada mais massador do que as zarzuelas dramaticas, cheias de pretensão, cantadas e declamadas de pé atraz, com inflexões e gestos de melodrama.

Os espectaculos que a actual companhia hespanhola dá no theatro de D. Amelia são deliciosos, tem sido e continuarão a ser com certeza muito frequentados, e divertirão largamente o publico d'aquelle theatro emquanto não chega a companhia Tomba, a primeira companhia no genero que ha em Italia, de que ha muito tempo toda a gente nos diz maravilhas, e que deve estar em Lisboa nos meados de outubro.

Que assim seja!

Gervasio Lobato.



AS NOSSAS GRAVURAS

MORTE DO CONDE DE PARIS

Pae da rainha de Portugal, o conde de Paris, não podia deixar de produzir uma viva impressão no nosso meio o seu fallecimento.

Chamou-se Luiz Filippe Alberto de Orleans e nasceu em Paris a 24 de agosto de 1839.

Como escriptor deixou alguns trabalhos que ainda hoje são lidos com agrado, entre elles *Damasco e o Libano* que publicou em Londres no anno de 1861 e a colleção da *Revue des Deux Mondes* em que bastante tornou conhecido o seu pseudonymo de Eugenio Forcade com que assignou um estudo intitulado *Semana do Natal* (1863) *Carta sobre a Allemanha nova* (1867), *A igreja do Estado e a igreja livre na Irlanda* (1868), *Associações operarias em Inglaterra* (1869), *Situação dos operarios em Inglaterra*, (1873) *Historia da guerra civil da America*.

Como militar fez a campanha de 1862 na America e foi, durante a guerra, capitão de estado maior ás ordens do general Mac-Mellan, e ahi assistiu ás batalhas de Fair-Laks, Wiliansburg e Gaines Mil.

Em França era tenente coronel do estado maior do exercito.

O conde de Paris descendia de Luiz XIV o *sol da França*.

Os dois filhos legitimados de Luiz XIV e da senhora de Montespan, chamaram-se conde de Toulouse a duque do Maine.

Pela esposa do Regente de França, irmã dos de Maine e Toulouse se pretende encontrar a ligação dos Orleans com Borbons.

E foi por isto que a legitimidade do throno francez passou para a familia Orleans, e em 5 de agosto de 1873 a conferencia dos condes de Chambord e de Paris em Frohsdorf ratificou o pacto ligando Borbons e Orleans.

Assim o conde de Paris, com o nome de Filippe VII, seria o rei legitimo de França.

Quando em maio de 1886 a filha mais velha do conde de Paris a Senhora D. Maria Amelia casou com El Rei D. Carlos, produziu sensação em Paris, o baile que no seu palacio de Varennes deu o conde em honra de este acontecimento.

O governo da republica franceza não viu com bons olhos aquella quasi recepção real, e apresentou ás camaras legislativas, em 22 de maio do mesmo anno, o projecto de lei expulsando de todo o territorio da republica todos os herdeiros directos dos Reis de França.

Até ao anno em que falleceu o conde de Paris nunca hostilizou a França comquanto combatesse e sempre a Republica.

Era incontestavelmente um homem de superior intelligencia e de uma vasta erudicção, muito trabalhador, consumindo uma grande parte da sua vida no estudo dos problemas sociaes.

O DUQUE DE ORLEANS

Luiz Filippe Roberto d'Orleans filho dos condes de Paris é hoje o chefe da casa de França.

E por isso o OCCIDENTE dá aos seus leitores o retrato do principe que hoje representa o principio monarchico, em França.

O principe nasceu em 6 de fevereiro de 1869 tem por tanto mais de vinte e cinco annos de idade.

No dia 7 de fevereiro do anno de 1890 tendo assumido a maioridade o duque de Orleans, o filho do conde de Paris, apresentou-se, mesmo depois de promulgada a lei de 22 de maio de 1886, em Paris na sua qualidade de francez para sentar praça no exercito da sua Patria.

O duque de Orleans foi preso, e, depois de julgado no tribunal do Sena, condemnou-o este em dois annos de prisão, sendo em seguida encerrado na Penitenciaria de Claiwaux.

Não cumpriu, porem de todo a sentença, porque o presidente da republica Sadi-Carnot indultou-o, em 4 de março do mesmo anno.

No acto de ser preso o principe enviou ao sr. Carnot a seguinte curiosa carta:

«Em 1886, o governo do sr. Julio Grevi baniu-me da patria. Em 1890 o vosso governo encarcerou-me n'uma prisão. No momento em que, pela segunda vez, me é imposta uma pena immerecida, creio da minha dignidade e do meu dever exporvos o unico pensamento que me guiou. Vim simplesmente, no dia em que completei vinte e um annos inscrever-me na repartição do recrutamento do Sena, para fazer os trez annos de serviço como soldado, nas fileiras do exercito do meu paiz. Appello para todos aquelles, em cujos corações existe o amor pela vida militar e pela bandeira tricolor, a recordação das glorias e dos infortunios da França, o sentimento do que todo o francez deve á patria. E não temo o meu julga-

mento. Creio até, sr. presidente, que não devo temer o da vossa consciencia. Se vós vos orgulhaes, e com razão, de contar entre os vossos antepassados, um grande nome patriótico, não vos podeis admirar de que eu invoque a memoria de tantos Principes, meus avós, morrendo pela França nos campos de batalha, e de que, sendo neto de Henrique IV, peça para ser um simples soldado.*

O acto praticado pelo principe não é d'aquelles que mereçam a nossa admiração, porque elle, assim como conhecia a lei que o mandava servir no exercito, por ser francez, tambem conhecia a lei que lhe vedava a entrada no territorio da republica, por ser um pretendente ao throno que tinha de esmagar a republica.

A carta, se o principe fosse bem aconselhado, devia ser escripta do logar do exilio ao presidente Carnot consultando-o e pedindo-lhe indulgencia para uma pretensão tão justa, embora existisse, por força de circumstancias, uma lei que tal não permitia.

Este meio era habil porque, se Carnot não accedesse ficava, moralmente, mal collocado, e o principe escusava de ter soffrido uma prisão que a muitos pareceu uma exploração.

*

O PALACIO DE STOWE HOUSE E A RECEPÇÃO NO PAÇO DA PENA

O palacio de Stowe House onde falleceu o conde de Paris, e de que o OCCIDENTE dá hoje a gravura, é situado a vinte e tres leguas ao noroeste de Londres, perto de Buckingham. Poucos palacios reaes possuem tanta riqueza e magnificencia, como grandeza, aspecto e situação.

Estylo Luiz XIV foi mandado construir por lord Temple no seculo XVIII. Os salões são magestosos, sendo porém particularmente notados, o da musica, o de marmore, o das recepções, a bibliotheca onde costumava trabalhar o conde de Paris, e a sala dos jantares de gala. Na preciosa colleção de quadros de auctor, avulta um Murillo e um Velasquez, adquiridos em Hespanha.

N'este palacio já residiu a rainha Victoria, e o conde conservou sempre fechado, o quarto em que esta senhora repousou ha mais de trinta annos não lhe alterando a disposição dos moveis nem consentindo que alguém ali entrasse. Esta delicadeza foi sempre agradavelmente acatada pela soberana da Grã Bretanha.

O parque, povoado de variada caça, tem 350 hectares de área; os jardins, que são magnificos, ostentam plantas e flores das mais esquizitas.

O palacio é monumental. Esta vasta propriedade estava alugada pelo conde de Paris por 78.000 francos annuaes o que achamos barato, attendendo á magnificencia do edificio.

*

O conde falleceu ás 8 horas e quarenta minutos da manhã de 8 de setembro corrente, e os funeraes realisaram-se a 12 do mesmo mez.

Resada a missa na capella de Stowe House, o cortejo seguiu a pé, e depois em carruagens até Buckingham e d'ahi para Weybridge, onde o corpo, do que fora conde de Paris, ficou depositado no mesmo local em que esteve n'outro tempo o caixão que encerrava os restos mortaes do rei dos francezes Luiz Philippe.

*

No dia 10, da uma ás cinco horas da tarde, recebeu no Castello da Pena, em Cintra, Sua Magestade a Senhora D. Amelia os pezames das senhoras da primeira sociedade de Lisboa.

A rainha, tão querida dos portuguezes, pelos actos meritorios de sua constante e modesta caridade, pelo encanto de seu trato affavel, que a todos prende e captiva, pela sua distincta formosura, suprema aureola da sua magestade de rainha e mãe, vio, n'esse dia, mais uma vez o apreço em que é tida, pela enorme concorrencia das mais illustres senhoras, titulares e altos funcionarios, que á sua prestigiosa estima foram levar o preito respeito do seu maior sentimento, em razão do infausto successo, que tanto encheu de dôr a formosissima Senhora, e que por isso tão grande impressão causou ao nosso paiz. Seria difficil trazer aqui os nomes de todas as pessoas de Lisboa, de Cintra e Cascaes, que no dia 18 subiram até ao cimo da Serra, onde está o Castello da Pena. Damos porem alguns, pedindo venia para as ommissões. Entre as muitas nobres damas compareceram ali:

Marquezas do Funchal, e de Oldoini; as sr.ª

condessa de Valençães e filha, da Guarda, da Atalaia e filhas, da Anadia, de Gouveia, de Silva Sanches, de Almedina, das Antas, de Carnide, as sr.ª viscondessas de Asseca, d'Atougua, de Alferraredé e de Carvalho; D. Joanna Hintze Ribeiro, D. Anna de Serpa Pimentel, D. Constança Pombeiro, D. Maria Brandão Palha, D. Theresza Roma do Bocage, D. Maria Patrocínio d'Almeida, M. Oneil, D. Mathilde e D. Emilia Seisal, D. Domingas Belmonte Paraty, D. Marianna Linhares de Serpa, D. Mathilde Pindella, D. Ignacia Barahona, D. Isabel Wanzeller, D. Maria José Fragoso, D. Marianna Andrade Guimarães, D. Marianna de Lumiares, D. Anna Bastos, D. Beatriz de Lencastre, D. Maria da Costa e Silva, D. Ernestina Vianna, M. Davideun e filhas, M. Moraes Carvalho, D. Maria de Menezes, D. Sophia Mozer, D. Josephina Ribeiro da Cunha, M.ª Franco Castello Branco, etc.

E os senhores: Bispo Conde, Antonio de Serpa, D. Luiz da Camara Leme, conde de Atalaya, conde de Valençães, conde de Selir, conde das Antas, conde de Gouveia, conde de Anadia, Carlos Eugenio de Almeida, conselheiro Moraes de Carvalho, dr. Silva Carvalho, conselheiro Costa e Silva, visconde de Alferraredé, visconde de Idanha, Jorge Oneil visconde de Melicio, Francisco de Oliveira, Antonio Alte, Manoel de Castro Guimarães, Vicente Monteiro, Sebastião Fragoso, Fernando de Serpa, José Vianna, Manoel de Castro Pereira, Antonio da Costa e Silva, Eugenio de Mathos, Philippe de Vilhena, Antonio Martins, e os generaes, Antonio de Queiroz, Moreira, Visconde de Villa Nova de Ourem, Francisco Maria da Costa, etc.

TREZ GAIATOS

Ahi tem o leitor trez filhos do povo em cujos rostos se lê a mais desejavel das felicidades. Sem preconceitos, ahi vão todos os trez muito alegres, muito amigos n'uma doce comunidade de interesses...

Descobrir na physionomia d'um mais travessura é difficuldade grande, porquanto valem todos o mesmo. *Se um só é um santinho, dois são dois diabinhos*, o que serão trez? É uma phalange em miniatura capaz de todas as acções, desde o fazer um risco com giz na calçada para que postados um de cada lado e outro a vigiar, assistem os transeuntes que pensam ver um cordel que os endemoinhados rapazes levantarão obrigando o pacifico cidadão que transita, a levantar a perna, a levantar sem conseguir passar o temido cordel, que só existe na imaginação do individuo que serve de bobo aos gaiatos causando-lhe com isso enorme gaudio.

Seria um nunca acabar o dizer algumas das *partidas* que o garoto pratica durante o dia.

Ja uma vez um carroceiro guiando uma carroça cheia de palha e um gaiato, para vêr o effeito que fazia lançou fogo a ella. O bom do carroceiro só deu pelo caso quando as chammas já o escaudavam.

E pelo verão? Isso é que é vel-os a banharem-se, horas inteiras, e os policias cá de terra, muito atrapalhados por não poderem obrigar-os a vestirem-se.

Imagine-se o delirio dos rapazes.

Mas o *garoto* já tem merecido elogios; nas revoluções ninguém é mais vivo e ardente no sentimento da liberdade. Os regimentos com a banda á frente são sempre precedidos de grande numero de gaiatos que vão por sua vez assobiando infernalmente, atirando terra ao ar e imitando outras vezes o andar marcial.

Considera-se tão feliz o garoto. Embora descalço corre toda a cidade e embora faminto grita como um posseso.

D'estes predicados se tirou utilidade; veiu a imprensa e os jornaes chamaram a si grande parte d'essa população minuscula, aproveitando-lhes o vigor vocal e tibial.

O garoto tem tambem merecido o ser cantado e não é muito que hoje tambem mereça as honras da estampa.

QUESTÃO LUSO-ALLEMÃ

A BAHIA DE KIONGA

Agora que uma questão internacional tem sido debatida na imprensa sobre a bahia de Kionga no rio Rovuma, que limita, em parte, a fronteira portugueza da provincia de Moçambique, parece-nos de interesse darmos aos nossos leitores a estampa do rio Rovuma onde está a bahia de

Kionga, descrevendo o que é a costa oriental da Africa Portugueza, e dizer qual a importancia d'aquella bahia, emittindo o nosso parecer sobre esta questão diplomatica.

Quem percorrer de sul para norte a costa oriental da Africa Portugueza, desde os rios *Maputo* até ao *Cabo Delgado* e ainda mesmo subindo o Rovuma, que limita em parte, como dissémos, ao norte a nossa provincia de Moçambique, encontra inumeros pontos notaveis, a começar na formosa bahia de Lourenço Marques, o mais bello porto da costa sul africana e successivamente por aquellas 316 leguas de littoral em que os recortes naturaes formam numerosas bahias, vê tambem um grande numero de ilhas continentaes.

Assim, se encontra a bahia de *Inhambane*, o cabo de *S. Sebastião*, a ilha de *Baruzuto*, o cabo *Machanca*, a ilha e villa de *Chiluané*, a bahia de *Sofala*, a *Beira*, ao norte e perto da foz do *Pungue*, as bocas do *Zambeze*; o rio de *Quelimane*, a que os primeiros navegadores portuguezes chamaram dos *Bons Signaes* e que limita a NE., o *delta do Zambeze*.

Chegados aqui devemos lembrar que o *Zambeze* é um dos rios mais consideraveis da Africa. Nascendo em Angola vem atravessando a Africa n'uma direcção NS., até a *Catima Moriro*, servindo de limite á nossa provincia de Angola. N'esse ponto toma uma orientação E., até *Sinamane*; seguindo depois para NE., até *Zumbo*, e d'aqui a *Tete* corre para E., e inclinando-se para SE., lança-se no Oceano Indico.

E nas alturas de *Zumbo* que este grande rio reentra no territorio portuguez banhando *Tete*, *Sena* e *Mopeia*, e a umas vinte leguas do mar ramifica-se formando o *Delta do Zambeze*.

Se proseguirmos no nosso costear, e como nos detivemos á entrada do rio *Quelimane* olhando para o sul, encontraremos agora seguindo para o norte, *Quelimane* á esquerda sobre o continente, e mais adiante avistamos já á direita as *Ilhas Primeiras*, o *archipelago de Angoche*; e ao deixar para traz a enseada de *Angoche* apresenta-se nos *Moçambique* ao Norte, logo adiante a bahia e peninsula de *Musuril* e como estamos em pleno canal de *Moçambique* fica nos a E. a ilha d'este nome. Aproximando a Noroeste e passando pela bahia de *Fernão Velloso*, do *Lurio*, de *Pemba* que tem um magnifico ancoradouro, vemos depois a foz do *Motepuezi* e de frente d'ella as ilhas de *Querimba* e *Fumbo* e logo adiante as ilhas de *Matemo* e *Ibo*; continua, aqui a costa n'uma direcção SN., até á bahia de *Masim-bua*, e podemos dobrar o *Cabo Delgado* achandonos então no sul do *Rovuma*, o rio internacional que limita, repetimos, a Africa Oriental Portugueza da allemã.

Logo á entrada do Rovuma se encontra a bahia de Kionga, á qual a nossa diplomacia deu tanta notoriedade com as suas serodias pretensões, apoiadas simplesmente em conveniencias de limites.

Não muito que sobre o litigio agora já terminado entre a Alemanha e Portugal, se tem escripto, só recentemente se reconheceu a não razão das nossas pretensões. Esta descoberta provém d'uma idéa de direito de posse imaginada pelos diplomatas que pareciam desconhecer que a provincia de Moçambique é limitada, segundo as bases de um tratado firmado em Londres a 28 de maio de 1891: *Ao norte por uma linha que subindo o curso do rio Rovuma, desde a sua foz até ao ponto de confluencia com o rio Msinje*, etc.

Ora interpretando justa e precisamente esta letra pelos principios do Direito Internacional, razão alguma havia para que se mostrasse duvidas nos nossos limites, que tão perfeitamente estavam expressos: *subindo o curso do Rovuma*. Quando um rio limita dois paizes de diversa soberania o limite está no *thalwegg*, isto é no centro do rio e no mais fundo do seu leito.

Para que seria pois, a ineptica pretensão da bahia de Kionga, na foz do Rovuma e que está ao norte na outra margem do rio? Aqui se evidencia a ignorancia d'alguns que até desconhecem, que ignoram.

Uma mal entendida pretensão e uma affronta imaginaria vista na occupação pela Alemanha n'aquella bahia, foram a origem da celeuma que se levantou.

Agora que tudo está liquidado é para felicitar o resultado obtido.

Como ponto maritimo a bahia de Kionga vale muito pouco. Rara é a carta que a menciona. Situada no delta do Rovuma, em terrenos paludosos é insignificante e como tal não merece a honra de ser apeteida.

Por isto não devia a especulação patriótica ter explorado este assumpto tão bastamente como o fez.

Na nossa gravura se vê bem a divisão natural

das esferas de soberania portugueza e allemã. A margem direita é a portugueza e é aquella que se mostra coberta de vegetação á esquerda na nossa estampa.

E. P.

MANUEL FERNANDES VILLA-REAL

E O SEU PROCESSO
NA INQUISIÇÃO DE LISBOA

(Continuado do n.º 566)

«Falando eu com o doutor Luiz Pereira de Castro, dez dias antes de minha prisão, na sala do palacio sobre haver-se nomeado o doutor Antonio Raposo por secretario da embaixada, elle me respondeu de maneira que fiquei sem sentido. E o que elle me disse poderá dizer o illusterrimo bispo-conde, a quem o referi com algum sentimento, na janella da Junta dos Três Estados. E affirmo a Vossas Senhorias pelo miseravel estado em que meus peccados me teem posto que, a não ser eu tão zeloso do serviço da patria, que tive pensamentos de me passar a Castella, e d'ali a morrer por esse mundo, só por não ouvir semelhante coisa da bocca de um ecclesiastico, que em sua casa e fóra d'ella me tratava sempre com tanta estimação. Faço esta lembrança para que se avaliem seus avisos como eu mereço; sem embargo do que reconheço n'elle todas as partes e qualidades que se requerem para o cargo que exercita, e tenho por sem duvida que sua negociação será de grande utilidade a este reino pelo estado da cõrte de Pariz.

«Esta declaração, diz Villa-Real terminando a sua memoria, feita com toda a verdade e



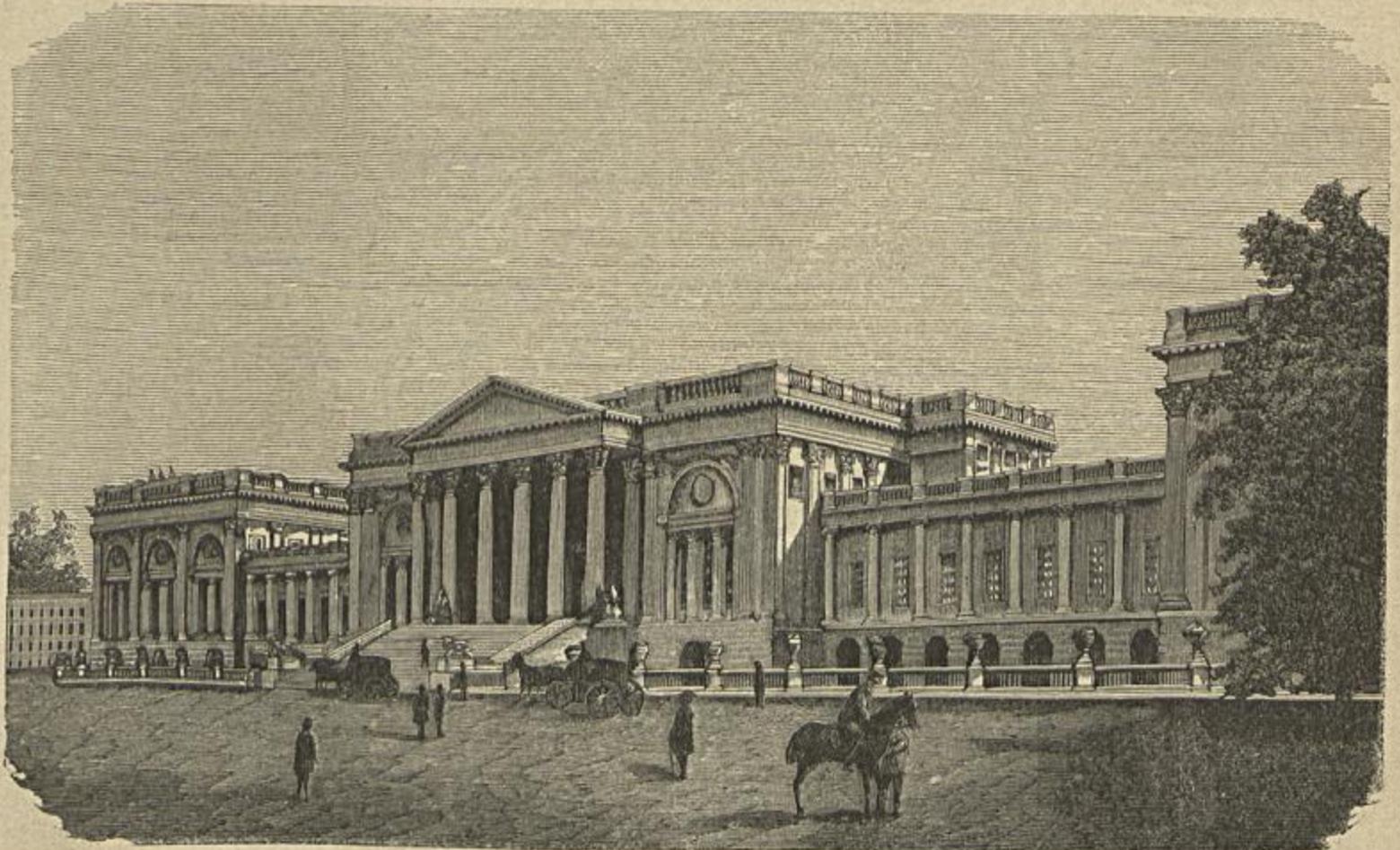
DUQUE DE ORLEANS

(Copia de uma photographia)

com bastantes lagrimas e suspiros, peço a Vossas Senhorias com toda submissão e reverencia sejam servidos mandar se junte a meu processo para servir-me no que houver logar. E posto que no tocante aos tempos pudera ser com mais certeza, se tivera o jornal de minha vida e occupaões, comtudo vae feita oito dias mais a menos, segundo pode minha affligida memoria, esperando da justiça e misericordia que Vossas Senhorias usam com todos que o anticipal-a eu, antes de saber a causa de minha prisão, me sirva de algum allivio e descargo aos castigos que aguardo e merecem meus grandes peccados. Isto mesmo havia já declarado em primeiro de Dezembro de 1649.»

Assim procurava o desgraçado Villa-Real, ainda ignorante da causa da sua prisão, mas ou por conhecer qual o modo da defeza nos processos inquisitoriaes ou guiado pelo seu juizo claro e experiente, assim procurava prevenir as accusações dando como suspeitos quantos julgava poderem ser seus accusadores.

Estas suspeições curiosissimas, por nos representarem muitos factos particulares da sua vida e nos pintarem como que outros tantos quadros d'ella, motivo porque as transcrevemos na integra, nem todas, nem em tudo merecem credito; é mesmo plausivel suppôr que muitas pequem, total ou parcialmente por exageradas, conforme convinha ao proposito. Não é nosso fim aquilatal-as; mais longe voltara este assumpto, quando o réo as apresentar juntamente com outras nas suas contradictas; e então veremos o que a seu respeito respondem as testemunhas. Entretanto podemos desde já assentar, á vista dos depoimentos de frei Francisco e do marquez de Niza, que d'aquelle Villa-Real tinha toda a razão de temer-se, porém que a não tinha quanto a este. No tocante aos motivos de inimiza-



O PALACIO DE STOWE-HOUSE — ONDE FALLECEU S. A. O CONDE DE PARIS

de com o primeiro, elles são grandes, naturaes, perceptíveis e proprios até certo ponto do caracter de ambos; os da inimizade com o segundo mais facéis de esquecer, menos prováveis e menos adequados à ideia favoravel que se forma do embaixador de França, embora não desconhecamos que pessoas, aliás julgadas excellentes, se deixam levar uma ou outra vez à pratica de más acções por moveis interesseiros e mesquinhos, do que elle do depoimento de Villa-Real não sahe inteiramente sem macula. Villa-Real julga que o mar-

vez preverem bem as fataes, terriveis e ultimas consequências do seu condemnavel procedimento. Cumpre ainda lembrar que frei Francisco diligenciou e obteve acompanhar Luiz Pereira na sua missão diplomatica, a dependencia em que d'elle ficaria por esse motivo, o desejo que terai de mostrar tomava contra Villa-Real o partido do seu protector ou ao menos do seu superior, serviço em que comprazia a seu proprio odio, e que Luiz Pereira era ministro da Inquisição, o que devia facilitar-lhe o caminho de perseguil-o.

para Amsterdam, onde professara publicamente a lei de Moysés e se deixara circumcidar; que tomara por nome judaico Abraham Guer; que desde então frequentara as synagogas e celebrara os ritos e ceremonias da mesma lei; e que estava arrependido de suas culpas; pelo que foi reconciliado e ouviu sua sentença na Mesa a 28 de Janeiro. Ora na sessão de 21 João de Aguilã, depois de apontar diversos nomes de christãos-novos que em Nantes viviam judaicamente, confessou: haver em Pariz um portuguez chamado Villa-



TREZ GAIATOS

IX

quez é que induziu frei Francisco a ir accusal-o. Neste particular discordamos. Se houve alguém que influísse no animo do sabio religioso, antes seria Luiz Pereira de Castro do que o marquez. Não é licito asseverar coisa alguma; não queremos condemnar sem provas concludentes; formamos apenas conjecturas, encostando-nos a razões, não de todo desatendiveis, mas que poderão talvez ser destruidas por outras mais valiosas. Frei Francisco e Luiz Pereira foram offendidos gravemente por Villa-Real, um na sua dignidade de homem e de litterato, outro na sua honra pessoal e na sua reputação como ministro; diante de ambos se pôz Villa-Real como estorvo a ambiciosas pretensões; que muito pois que ambos se combinassem para prejudical-o, sem tal-

As proposições censuradas do *El Político christianissimo*, a introdução de livros prohibidos no reino, ás denuncias de frei Francisco, aos depoimentos compromettedores das testemunhas, aos jejuns judaicos provados em fórma, grave culpa de Villa-Real aos olhos dos inquisidores, veiu juntar-se n'este tempo outra accusação que lhe acarretou bastante prejuizo.

João de Aguilã, natural de Faro, morador em Amsterdam, residente em Lisboa, filho de João de Aguilã Biscainho e de Joanna Mendes, menor de vinte annos, apresentou-se na Inquisição em 12 de Janeiro de cincoenta e ahi declarou: que aos nove fóra de Portugal

Real, que compunha livros e assistia aos embaixadores e que veiu a Portugal a pretender despachos de serviços, como o escreveu a Jeronymo Nunes da Costa, patrão d'elle denunciante; que Villa-Real era judeu observante da lei de Moysés, posto não circumcidado, segundo lhe parecia; que nunca lhe falou nem o viu, mas que o sabia por o mesmo se corresponder com o dito Jeronymo Nunes, o qual lhe disse, quando elle confitente passou a França e esteve em Nantes, que, se fosse a parte onde morasse Villa-Real, se podia agasalhar em sua casa sem medo de elle o accusar, por ser muito bom judeu; que Villa-Real esteve em Nantes em casa de Nuno Alvares de Mattos e este na d'aquelle tratando-se ambos como professos na lei de

Moysés; que os judeus de Nantes por elle nomeados davam-se com Villa-Real e reconheciam-o como judeu; que, achando-se em Nantes, soube ter escripto Villa-Real a Nuno Alvares de Mattos que haviam chegado a França dois sobrinhos seus fugidos de Portugal, e que pretendia casar um d'estes com sua filha e ir para Amsterdam, o que não intentara fazer, se não fora judeu de creença; que o não executou por lhe mover pleito Jacques Fernandes, judeu publico em Amsterdam, portuguez, no qual lhe pediu seis mil florins, e se deixou ficar em França, pois ali o dito Jacques não podia demandar-o em virtude de ser judeu publico e de ter vivido como catholico nas cidades de Nantes e Pariz; que Antonio Henriques Gomes, morador em Ruão, era judeu observante da lei de Moysés, o que sabia com a mesma certeza com que o sabia de Villa-Real, e por lh'o dizerem os judeus de Nantes, com os quaes se tratava como tal; que compuzera livros contra a fé catholica e o Santo Officio e a favor da dita lei, livros que elle confiante viu, por o auctor os communicar ao gagão Mortera, mestre d'elle confiante; que o mesmo Mortera dizia eram feitos os ditos livros com aprovação de Villa-Real e com seu auxilio, por serem muito intimos e particulares amigos; e que tanto era judeu Antonio Henriques Gomes que o gagão Mortera se admirava de não passar para Amsterdam, para n'esta cidade frequentar livremente as synagogas.

A 14 de Março tornou Villa-Real a ser chamado á Mesa e n'ella foi interrogado *in genere*, em geral. Ha quanto tempo, disseram-lhe os inquisidores, passou a lei de Moysés, que tem por boa e verdadeira e em que espera salvar-se? Quantos sabbados guardou por obra ou na vontade, começando a guarda d'elles na sexta-feira á tarde, vestindo-se de roupa lavada e melhores vestidos, como para dias de festa, conforme os judeus faziam, não trabalhando em nada nos ditos dias? Quantas Paschoas de judeus, que cahem na junção da lua de Março, celebró só ou em companhia de outros da sua nação ao modo judaico, comendo o cordeiro paschoal com pão asmo e alfaces agrestes? Quantas vezes deixou de comer carne de porco, lebres, coelhos, aves, afogados e peixes sem escama? Quantas fez o jejum do dia grande no mez de Setembro, estando todo o dia sem comer nem beber, senão á noite depois de sahirem as estrelas, ceiaando então coisas que não fossem de carne? Quantas só ou em companhia de outrem da sua nação fez o jejum da rainha Esther, no mez de Fevereiro, estando três dias continuos sem comer nem beber senão na noite do ultimo dia? Quantas fez o jejum de Thamy, que tem lugar nas segundas e quintas-feiras da semana, estando sem comer nem beber até á noite, e ceiaando então coisas sem serem de carne? Quantas, vindo a carne do açogue, lhe tirou ou mandou tirar toda a gordura e dessangral-a e deitou ou mandou deitar na panela em que se cozia azeite frito com cebola? Quantas tirou ou mandou tirar a lã do do quarto trazeiro da rez miúda e a gordura? Quantas amortallou ou mandou amortallar alguem com camisa e lençol de panno novo e ordenou que fosse sepultado em cova funda e terra virgem? Quantas, morrendo-lhe alguem em casa ou na visinhança, botou ou mandou botar fóra a agua que em casa tinha para beber? Quantas, morrendo-lhe alguma pessoa com que fosse unido por parentesco, comeu por alguns dias em mesa baixa e loiça nova e atraz da porta, como os judeus faziam? Quantas mandou varrer a casa da porta para dentro, principalmente nas sextas feiras á tarde, para que com a casa mais limpa e arranjada se celebrasse a guarda do sabbado? Quantas lançou a benção a alguma ou algumas pessoas, sem fazer o signal da cruz, pondo-lhe a mão sobre a cabeça e correndo-a pelo rosto abaixo e nomeando os patriarchas Abraham, Isaac e Jacob, como os judeus?

Até aqui Villa-Real respondeu a todos os quesitos negativamente; aos restantes porém fel-o do modo que vamos vêr.

Quantas vezes leu livros que dizem ser boa e verdadeira a lei de Moysés e falsa a lei evangelica de Christo Nosso Senhor? Nunca leu livros que contivessem judaismo nem cerimonia da lei de Moysés, e só parte de uns que compoz um judeu portuguez, Manasses Ben Ismael, de que não sabe o nome christião, morador em Amsterdam, onde é gagão, os quaes tem por titulo: *Conciliador dos logares da Escripura no parecer encontrados e Resurreição dos mortos*, ambos em hespanhol, e *De termino vite*, em latim; a sua doutrina quanto ao assumpto não era heretica, posto no discurso constasse de opiniões de rabinos e de proposições contrarias á santa fé. Estes livros deu-os ao marquez de Niza, o *Conciliador* em Pariz, e os outros mandando-lhos de Ruão. Quantas vezes teve livros hereticos, lendo-os e fazendo-os entrar em terras de catholicos, onde se não consentem heresias, antes, se castigam? A isto respondeu o que já outra occasião depuzera quanto aos que trouxe de França. Quantas escreveu alguns livros ou papeis ou imprimiu alguns d'elles em que se contivessem proposições mal soantes e que muito extranhavam o procedimento do Santo-Officio, mostrando-se desaffecto ás suas coisas e favorecendo as pessoas que n'elles são presas e processadas? Depois de estar preso, fez a 19 de Janeiro uma memoria (é a de que transcrevemos parte), que foi presente á Mesa em 24 com a relação dos seus escriptos e dos que havia impresso, e em nenhum d'elles se houve como mão christião. O *El Político christianissimo* dera-o a rever a frei Francisco de Santo Agostinho de Macedo e a Christovam Soares de Abreu, secretario da embaixada, e n'ella nada havia contra a fé nem contra o procedimento do Santo Officio, pois o que ali se dizia a seu respeito era só com o desejo de o defender; além d'isso, o mesmo livro foi revisado por Mazarino por ordem do cardeal Richelieu. Também es-

creveu por ordem do marquez de Niza uma memoria sobre a conveniencia de S. M. tirar o confisco aos culpados e presos pelo Santo-Officio, tanto de seus bens como dos alheios que em seu poder tivessem, para assim se augmentar o commercio; memoria que o marquez estimou muito e enviou a S. M., reforçando-a com outra que compoz e mandou para Portugal por via de Italia, para que assim chegando o mesmo alvitre de varias partes mais persuadissem. N'esta sessão foi o reo admoestado pela segunda vez.

Na sessão *in specie*, em particular, a 29 do dito mez, depoz Villa-Real: que, tendo sido revisto o *El Político christianissimo* por Mazarino e por frei Francisco julgava não conter coisa alguma defesa; que entretanto confessava pretender n'elle que se emendasse o procedimento do Santo Officio; quanto ás outras proposições não o movera nenhuma tenção malevola contra o baptismo. Nas controversias religiosas referia-se ás de França e ás razões d'estado que moveram o cardeal Richelieu a se ajudar dos herejes contra os catholicos, posto n'algumas coisas intentasse tocar no Santo Officio, do que estava arrependido. Em França tratava com todos os portuguezes, sendo alguns judeus encobertos, porque os judeus n'aquelle paiz se castigavam com muito rigor. Quanto a judeus publicos, por causa do serviço de S. M., correspondia-se com Jeronymo Nunes da Costa e Lopo Ramires, de Amsterdam, e com Duarte Nunes da Costa, de Hamburgo. Escrevera uma vez a Benasses Ben Ismael, mas por ordem do marquez de Niza, e duas por cumprimento, para Mildburgo, a D. Jorge da Costa. Não recebera de Amsterdam o livro de doutrinas e cerimoniaes hebraicas intitulado *Theoiro dos Deim*; mas só o vira. Tinha em seu poder parte da obra de Antonio Henriques Gomes, porém fóra elle que fizera com que não se acabasse de imprimir. Unicamente por gracejo dizia descender de prophetas. Ao contrario do que se affirmava, contestara a opinião do marquez de se consentir que a gente de nação morasse no reino com segurança e com segurança mandasse a elle as suas fazendas, tirando-se-lhe para isso o confisco e dando-se-lhe abertas e publicadas, porque seria fornecer motivos a Hespanha para mais se queixar de Portugal em Roma. Não sahira de Pariz com o fim de ir n'outra parte celebrar a Paschoa, pois não se auzentara d'aquella cidade durante ella ou na Quaresma, senão em quarenta e sete e em quarenta e nove, vindo para o reino. Não era judeu, e, se o fosse, accetaria os grandes partidos que diziam lhe tinham sido feitos de Amsterdam. Além d'isto, respondeu não ter jejuado, ás quatro perguntas que lhe dirigiram correspondentes aos quatro jejus do carcere, aos quaes, note-se bem, segundo o modo caviloso dos processos inquisitoriaes, não só não se marcou nem logar nem tempo, mas até se falsificou este para mais embarçar e comprometter o reo. N'esta sessão foi a terceira e ultima admoestação antes do libello.

(Continúa.)

Um soneto de Santos Valente

Bulhão Pato offereceu ao seu amigo e distinctissimo cultor das letras patrias, o dr. Santos Valente, um exemplar do seu poema — *Paqueta*. Eram versos a offerta, em verso foi o agradecimento: exigia-o a cortezia e o talento.

O soneto de Santos Valente, cuja inserção aqui agradecemos, é primoroso, e caracteriza brilhantemente nos seus conceituosos versos a obra, o talento e o coração do nosso grande poeta e eminente prosador. Os leitores do OCCIDENTE, cremos que hão de ser também da nossa opinião.

A BULHÃO PATO

Poeta da saudade! A tua mente
Compraz-se em rovar aos tempos idos,
E, dando a luz aos tons amortecidos,
Pôr na extincta visão o sopro ardente.

Revive em ti a imagem sorridente
Dos amigos leaes, dos entes q'ridos;
Ouvem-se, em tuas phrases, os gemidos
Da afflicta mãe, que chora o filho ausente.

Poeta do amor! Os corações palpitam
Em cada verso teu, enlevo d'alma,
Em que os mortos amores resuscitam!

E, quando mar e céu, tormenta e calma,
Prados e montes, á tua voz se agitam,
Poeta da natureza, é tua a palma!

Agosto, 1894.

A. L. dos Santos Valente.

OS MANUSCRIPTOS ILLUMINADOS

I

AS MINIATURAS

Que a arte de pintar em miniatura nasceu na idade media, é para nós caso certo, porquanto antes d'essa epoca não vimos nem conhecemos no-

ticia de que se soubessem preparar com tão grande perfeição os pergaminhos, nem dar-lhe aquella brancura, finura e assetinado que ora admiramos. Empregavam-se então as mais ricas, as mais formosas côres, favorecidas e realçadas com o brilho metallico do finissimo oiro, e a sua inalteravel belleza é uma constante gloria para os processos usados n'essa epoca.

Ornavam-se assim as obras dos historiadores e dos poetas antigos e os romances inspirados pelas extranhas lendas dos trez cyclos fabulosos de Alexandre, Carlos Magno e Artus. Porém, mais de ordinario, ornavam-se com maior magnificencia e esplendor, em honra do deposito preciosissimo que continham, os livros das leis divinas, ritos e cantos da Igreja. Os livros sagrados cobertos de laminas de metaes preciosos, eram escriptos algumas vezes com letras de oiro e prata sobre um fundo violeta, e embellezados pelos mais habéis artistas com formosissimas miniaturas.

As letras capitales são um encanto. Se o leitor se detem na contemplação n'um d'esses manuscritos não deixa decerto de se embeber na apreciação do trabalho inaudito de paciencia e graça.

Imaginemos um M, quantas são as fórmulas que os illuminadores lhe deram! Assim, uns os compõem com nós gordios, enrolamentos intrincaveis de folhagens; cordas, boias de redes, como no estylo gothico-manuelino; monstros e outras figuras phantasticas, isto nos manuscritos mais antigos.

Em outros manuscritos encontram-se letras ornamentaes, ora simplesmente compostas de bordados e rendilhados ou recamadas de perolas, ora acabando enroscadas em longos arabescos brilhantes d'ouro e azul, enlaçando toda a pagina nos seus graciosissimos meandros e voluteados.

Ainda n'outros illuminadores se encontra as letras augmentadas para poderem receber no centro pequenas paysagens, figuras, adros e frontarias de igrejas gothicas, symbolos da Paixão e de outros santos mysterios, e mais tarde, na Renascença figuravam com ricos anneis, ornados de rubis, esmeraldas, amethystas, lacinhos, rosas, pérolas; camapheus e outras pedras preciosas.

Ainda n'essa epoca se encontram outros manuscritos maravilhosamente e artisticamente illuminados. Depois já se passa para a copia da natureza animada, e sae-se do symbolismo; assim não são só arabescos e grinaldas ornamentaes, são festões de fructos, flores com passarinhos, pavões, mariposas, moscas, macacos, dragões, monstros fabulosos representados de mil e uma fórma, as deslumbrantes vinhetas que ornarn as margens dos pergaminhos.

Mas de todas estas especies artisticas mais reproduzidas pela miniatura, nenhuma era tão explorada pelos illuminadores como o representarem columnas e arcos ogivaes, estatuetas e medallhões, e bordaduras a claro escuro; imitando baixo relevos.

Este foi o genero mais querido dos pintores da primeira metade do seculo XV e do qual ha verdadeiras obras primorosas.

Tambem em outros manuscritos se encontram as margens pretas, com flores de oiro.

Mas não param aqui as graciosas illuminuras no seu copiar. As justas e os torneios, as dansas e os exercicios gymnasticos; e ainda os trabalhos agricolas, o semear, as ceifas, as vindimas; a matança dos porcos e tantos outros trabalhos e occupaões, não só da vida dos burguezes como também dos senhores.

As illuminuras da primeira metade do seculo XV, não se podem citar como modelos de correcção de desenho, mas o seu grande merito consiste na belleza das côres e na perspectiva architectonica d'aquellas lindissimas igrejas e d'aquelles castellos tão pittorescos e phantasticos em que o poeta vê, como que revivendo, a poesia cavalleiresca das tradições feudaes e em que o historiador, investigando, descobre vestigios de passadas grandezas confirmadas por aquelles braços que encimam as vetustas portadas de cujas linhas severas parece resumbrar o orgulho, o poder e a magnificencia do senhor d'aquella molle lithica tão significadora de independencia como de oppressões.

As pontes levadiças obrigam a pensar na nobre castelliã, gentil, e amorosa que venha receber a ella o seu esposo triumphante ao voltar d'alguma expedição.

Aquelles fossos largos e fundos lembram a defeza n'um assédio e a valentia e heroicidade dos combatentes.

Tem tanto de suggestivo esses desenhos graciosos, como tem de atrahente e de vagamente encantador todas as ideias que uma imaginação, ainda a menos fecunda, possa ligar-lhes.

II

OS MINIATURISTAS

Anteriormente á descoberta da imprensa, a execução material d'um livro reclamava o concurso de muitas pessoas. Assim no *o* explica Trithemo, abade de Spanheim no seculo xv: uma corrige o livro que outra escreveu, uma terceira ornamenta com tinta vermelha; outra encarrega-se da pontuação, outra das pinturas, como outra cõlla as folhas e encaderna. Ainda outras que preparam o couro e as laminas de metal que devem ornar a encadernação.»

«Uma outra corta as folhas de pergaminho, e outras as vão polindo, uma outra traça, a lapis, as linhas que devem guiar o escrevente. Emfim outros cortavam as pennas e preparavam a tinta.»

Porém, possuímos provas de que haviam clérigos e outros indivíduos que reuniram os diversos talentos requisitados e aptidões artisticas sob o modesto titulo de escrevente.

Promis, na sua *Notisie epigraphiche degli artifici marmarari romani dal x al xv secolo*, diz-nos que assim acontecia: «Os artistas cultivavam duas ou trez artes, de maneira que, no mesmo edificio se acha que um unico artista trabalhou como pintor, esculptor, architecto e mosaicista.»

No imperio do Oriente, no reinado de Theodosio o Grande, existia uma classe d'homens d'uma certa intelligencia e illustração que se empregavam em multiplicar os livros, ornando os tambem com uma paciencia admiravel.

Mais tarde os iconoclastas destruíram na bibliotheca de Bysancia todos os manuscriptos que tinham effigies religiosas.

Porém a arte byzantina reapareceu pelo meado do seculo IX espalhando-se pela Europa onde floresceu por largos annos na Inglaterra, Irlanda, na França, Italia, Flandres, etc.

N'esta epoca, derradeiros alvares da idade media, e d'ahi por diante nunca faltaram os calligraphos illuminadores e os miniaturistas nos conventos.

Alguns monges solitarios escreviam a ouro ou prata sobre pelles tintas com purpura.

A ornamentação dos livros iniciada pelos gregos e conhecida pelos romanos perdeu-se nos primeiros seculos da idade media, resuscitando, ou talvez melhor, nascendo, e attingindo depois d'essa epoca uma mais alta perfeição do que a conseguida até ahi.

Encontrou esta arte de illuminar e embellezar os manuscriptos com miniaturas, grande protecção nos soberanos e, nos prelados mais especialmente, que tornaram bastante prospera esta encantadora arte.

Cada idade deixou nos manuscriptos illuminados que produziu um cunho indelevel, e de forma tal que não é difficil reconhecer a epoca a que pertence

As letras iniciaes, o proprio texto as mais das vezes, são dados que permittem estabelecer entre ellas a chronologia da sua feitura.

Querer fallar dos manuscriptos estrangeiros mais conhecidos é difficil, porquanto os italianos e francezes são innumerados.

Basta dizer que o rei de Wurtemberg possui uma riquissima collecção, mas a respeito de verdadeira obras primas, poucas nos menciona o seu catalogo.

Para não alargar esta noticia citaremos apenas aqui as bibliothecas estrangeiras que possuem manuscriptos de alto valor: a de Vienna a de Genova, e a de Turim. De todos os manuscriptos italianos, o mais bello que se conhece, é segundo Cibrario, um officio á Virgem, em pergaminho com letras de ouro, ornado de preciosas miniaturas que são d'uma graça e d'uma belleza tão subidas que se lhe dá o titulo de mais precioso no seu genero

Em 1850, sabemos que era seu possuidor o Marquez Marcello Durasso, de Genova.

Ferdinand Denis na sua obra *Histoire de l'ornementation des manuscrits* menciona entre os mais antigos manuscriptos illuminados que a França ainda hoje possui, o *Virgilio* do Vaticano, o qual remonta ao seculo IV ou aos primeiros annos do seculo V.

Emfim, grande é o numero de valiosissimos manuscriptos que pelo estrangeiro se encontram, porém como escrevemos em portuguez, e em Portugal trataremos mais detida e devidamente do que é nosso.

III

AS PRECIOSIDADES NACIONAES, ARCHIVO DA TORRE DE TOMBO

Passando a Portugal encontramos riquissimos manuscriptos, porém maior seria hoje o numero

d'elles se os repetidos desvios devidos a invasões, etc., o não houvessem reduzido a tal ponto que, os manuscriptos illuminados dignos de se citarem, pelo seu verdadeiro e superior merito artistico e pelo valor subido que tem material e intrinsicamente, sejam poucos.

No *archivo da Torre do Tombo* é grande o numero relativamente e na sua valiosissima collecção figuram os seguintes:

A *Biblia dos Jeronymos*, assim chamada por ter pertencido ao extinto mosteiro de Santa Maria de Belem, de monges de S. Jeronymo; constitue um dos mais primorosos manuscriptos illuminados do xv seculo, é um dos mais valiosos monumentos da notabilissima perfeição a que chegou a calligraphia e a miniatura.

Encerra os commentarios de Nicolau de Lyra e consta de sete volumes *in folium*, escriptos á penna em alvissimo pergaminho, magnificamente ornados de valiosos e formosos desenhos e lindas miniaturas.

São encadernados em marroquim escarlate, com fechos e guarnições de prata dourada, com esmalte e com lavrados e diferentes labores, entre os quaes apparecem as armas de Portugal e a esphera armillar, divisa de D. Manoel. Nas capas do quinto e setimo volumes tambem se vê o escudo de armas da rainha D. Izabel, primeira mulher d'aquelle soberano.

Todas as paginas são como que emolduradas em graciosas cercaduras feitas de arabescos, silvados, flores e aves, emblemas e divisas. As paginas em que principia algum capitulo são ornamentadas com lindissimas miniaturas de assumptos de historia sacra. São muito finas, vivas e formosas as côres empregadas e assentam quasi sempre em fundo de ouro. Tintas e metal conservam admiravelmente todo o seu brilhantismo.

Ignora-se o modo porque esta biblia veio ao poder de D. Manuel. Apenas se sabe, precisamente, que veio de Italia. Queria a tradição que fosse um presente do papa Leão X áquelle soberano em reconhecimento das magnificentes offrendas que este lhe mandou em 1514 por tristão da Cunha, porém isso não tem maior fundamento.

O que se averiguou de mais certo é que fora encommendada por D. João II o qual a não chegou a vêr.

Abramos aqui um parenthesis. Este rei pareceu destinado que a de todas as coisas que iniciou nada visse acabado.

(Continua).

Esteves Pereira.

UM MEZ EM CINTRA

Meu caro Caetano Alberto.

O caminho de ferro alterou tudo.

A Cintra de hoje nem por sombras lembra a que o Byron cantou, nem a que o auctor da *Paquita* nos descreve.

Siteais um campo de solidão. A Sabuga um sitio ermo, escuro, poeirento. Os Pizões um caminho para Collares. Mesmo a Varzea de Collares está reduzida a uma estação de passagem para a praia das Maças.

Hoje além do estacionamento em Cintra, S. Pedro e Estephania, apenas se limitam, os que por aqui esperam a estação das aguas, a irem uma ou outra vez á praia das Maças.

De facto é magestoso o espectáculo n'essa praia.

A uma grande altura de onde se desce milagrosamente para a praia, está uma casa rustica com seus atavios de *chalet*.

É ahi onde se janta, almoça ou ceia. O serviço é muito rasoavel, sendo especial em vinho, peixe e fructa, particularmente os pecegos molares que são enormes e gostosissimos. O abrigado do sitio, com um tom selvatico encantador, a extensão da praia, o mar n'uma linha azul intangivel... faz com que o mais incorregivel dispeptico seja capaz de devorar pedras.

Porém um dos pontos hoje mais alegres é incontestavelmente a Estephania, desafogado d'essa verdura pesada de Cintra, que n'uma noite clara nos obriga a andar ás apalpadellas, como nos Duches, na Sabuga e nos Pizões....

A Estephania não é assim, tem verdura e sombra bastante, mas sem o tom phantastico das virgens florestas da Africa austral Americas e India.

É pela Estephania que se passa para rodar na estrada da Granja.

Nós, o Luiz Garin, o Alvaro Felner, e eu, fomos a Montelavar ver a lindissima igreja de Nossa Senhora da Purificação.

Fazendo escala pela Granja e Pero Pinheiro visitámos a primeira pertencente hoje a Luiz Calheiros e que, segundo me disseram lá, possui mais de 500 vacas leiteiras.

Ha sobretudo um exemplar rarissimo: uma vacca, russo cardado com o pelo identico ao do cavallo e focinho igual ao do carneiro... Tive pena de não me demorar, porque me teria informado da raça e nome do extraordinario exemplar.

Creio porém que é da India.

Em Pero Pinheiro proximo da casa de pasto de um Domingos Pesquita ainda existe, no chão, uma das grandes columnas inteiriças igual ás que estão n'essa molle de pedra, attestado da nossa grandeza de outras eras — o convento de Mafra.

A proposito, fui tambem visitar o convento que não via, ha dezeseite annos. É notavel e digno de registo especial o estado de acao e boa conservação do grandioso edificio, palacio e convento, attendendo ao diminuto pessoal a quem está entregue.

Demais é conhecido o palacio de Mafra para aqui descrevel-o. Comtudo sempre apontarei algumas curiosidades historicas, que por lá ainda encontrei: mobilia e louças ainda do uso do magnanimo rei D. João V, e o berço em que foi embelado El Rei D. José I.

A estrada de Mafra a Cintra está n'um estado de conservação acima de todo o elogio.

Esquecia-me dizer que no caminho de Pero Pinheiro a Mafra ha um ponto intermedio que merece menção.

É Chelleiros, um logar encantador lavado de ar e refrescado por arvoredos ligeiros mas sufficientemente frondosos.

Como vim para aqui doente não tenho ido a *pic niks*, ou merendas, assim se dizia quando se fallava portuguez.

Aos Capuchos fui tambem uma vez. É pena que no caminho, ponto em que se avista a bahia de Cascaes, não haja uma casa de pasto com um terraço, ou varandim, onde os forasteiros possam jantar e gosar o magestoso espectáculo que nos offerece o encantador sitio.

Tive pena de não poder encontrar o nobre conde de Valenças que disseram estar aqui. Procurei-o no seu palacio mas já se havia retirado para Lisboa. Procurei o principalmente porque sei que elle deseja conhecer-me pessoalmente e sobretudo porque é um amigo de Caetano Alberto; é sempre agradavel encontrar as pessoas que nos fallam d'aquelles que nos são cáros.

Tenho aqui encontrado um guia, muito intelligente, que sendo um antigo serviçal da familia reinante, é o que os de outro tempo chamavam um *homem fino*.

Chama-se elle João José dos Santos Neffe. O fallecido rei D. Fernando que tambem era um homem de trato fino, teve por elle uma grande estima, a todo o ponto justificada.

É elle o nosso Brillat Savarin (salvo a orthographia) D. Pedro V especialmente, e o fallecido rei D. Luiz tambem muito o consideraram; de todos elles e da rainha D. Maria Pia recebeu amistosos lembranças. Character nobre, quasi incomprehendido no meio da actual crapulice, é um dos melhores informadores para referencias que elle aduba com citações de grande auctoridade, por isso que, do que refere, foi testemunha *de visu*.

É possivel meu caro Caetano Alberto, que essas citações venha a servir-me de alicerce a um modesto, mas valioso trabalho historico, com que desejo brindar os leitores do OCCIDENTE.

Manuel Barradas.



REVISTA POLITICA

Ao pensar que nos benziamos, quebrámos o nariz; é o que se pode dizer do que nos aconteceu com a ultima revista.

Vá lá uma pessoa fiar-se no que lê; vá lá fiar-se no que apresentam a nossos olhos; vá lá ter presumpções de descobrir o que os outros não acham, e muito senhor de si dizer: *eureka*, cá está o homem.

Falaz engano, pura illusão, erro completo. Os nossos leitores viram o retrato do novo ministro das obras publicas, que sahio na ultima revista, e leram os traços biographicos que acompanhavam esse retrato? Pois é tudo mentira? É!

tudo resultado da opposição que fazemos ao governo, salvo seja.

Assim o afirma o *Correio da Manhã* no seu n.º 3:098, em que diz:

... Dá o OCCIDENTE ainda os retratos de Mancinelli e do illustre ministro das obras publicas, acompanhado este de um pequeno artigo de João Verdades, que nunca provou peor a razão do seu pseudonymo, peor e com menos graça. O artigo não se destaca do retrato, porque nem um nem outro prestam, mas como opposição ao ministerio o gravador sahio-se melhor do que o articulista.

Foi para isto que o director d'este periodico veio pressuroso em nosso auxilio com o retrato do novo ministro das obras publicas! Foi para isto! Nós exultavamos de prazer ao mostrar a nossos leitores um cavalheiro que ninguem conhecia e que todos tinham desejo de conhecer, e por fim o retrato não presta, e fica-se da mesma maneira sem se conhecer o sr. conselheiro Campos Henriques.

Primeira investida da nossa opposição ao ministerio!

A respeito de notas biographicas estamos na mesma. Fomos transcrever-las do nosso collega *Diario Illustrado*, pensando que era fonte limpa, por se tratar d'um membro do actual gabinete,

não tratamos de politica n'esta revista, mas simplesmente dos factos fazendo a critica d'elles como entendemos e nos parece ser de justiça.

Nada dissémos do sr. ministro das obras publicas e nada temos que dizer, porque ignoramos, como toda a gente, quaes os seus trabalhos parlamentares, quaes os seus artigos ou livros sobre administração, qual a sua longa carreira publica e finalmente qual a sua folha de serviços e actos politicos que o pozessem em evidencia e o indicassem para ministro.

O facto de ignorarmos quaes os serviços politicos que indicaram o novo ministro das obras publicas para entrar nos conselhos da corôa, não quer dizer que os não tenha, e o collega faz nos uma grande fineza se nol-os indicar, porque o nosso fim unico é informarmos com verdade os nossos leitores.

Até lá continuaremos privados de podermos dizer ao certo, aos que nos lêem, quem é finalmente o novo titular das obras publicas.

E com isto gastamos o papel e o espaço destinado para esta revista, sem dizermos do mais que tem occorrido.

Verdade seja que pouco mais teriamos a dizer, se tivéssemos espaço, porque o mais importante da dezena, foi a ultimação das negociações diplo-

tos, é de primorosa redacção. O estylo colorido e vivo, encanta e interessa com quanto eivado de scientifico e philosophico realismo, finamente rendilhado.

A segunda, escripta mais desprezenciosamente, pelo sr. Manoel Arão, é menos optimista, porém por isso mesmo mais verosimil.

Encantadoramente escripto o galante livrinho merece lêr-se como tributo de admiração ao talento dos seus auctores, decerto dois novos, dois jovens escriptores, a quem d'aqui fazemos sinceros votos para que prosigam na litteratura quando já tão bem se nos apresentam.

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa, 13.ª serie — N.º 5 e 6. 1894. O n.º 5 contém o primeiro dos relatorios da commissão de limitação da fronteira de Lourenço Marques, o qual é redigido pelo capitão de engenharia Alfredo Freire de Andrade. O boletim n.º 6 traz o segundo relatorio que é do capitão de caçadores de Africa, o sr. José Antonio Matheus Serrano.

Ambos os relatorios são curiosissimos, ricos de subsidios para os estudos dos africanistas, e elucidativos em extremo para quem deseje conhecer alguns costumes de Africa.

No trabalho dos distinctos officiaes portuguez

A QUESTÃO LUSO-ALLEMÁ



A BAHIA DE KIONGA NO DELTA DO ROVUMA

de que o citado jornal é um satélite fiel, e afinal é tudo mentira, porque João Verdades «nunca provou peor a razão do seu pseudonymo, peor e com menos graça».

E aqui está como o *Correio da Manhã* nos diz muito delicadamente que para fallar a verdade e ter graça, é mister que não copiemos o que os outros dizem, mas antes fazer sempre obra da nossa lavra.

Muito obrigado por dizer que temos graça; e quanto á veracidade fica-nos de emenda, porque até a declaração franca e sincera de que não dissemos *nada*, não lhe serve aquella folha, e lá nos leva para a politica, encaixando nos a carapuça da opposição.

Váde retro!

O *Correio da Manhã* com o seu excessivo amor pelo governo — sentimentos que lhe estão muito bem — vé opposição ao governo em tudo, e até descobriu que o gravador do malfadado retrato fez com este mais opposição ao ministerio do que o auctor da revista.

Valha-nos isso para allivio da nossa consciencia, que de resto sempre estará mais pura que o amor do *Correio da Manhã*, que ainda hontem, em artigo de fundo assucarado, dava as *Boas Vindas* ao sr. ministro do reino pelo seu regresso da Beira Baixa, onde o que de melhor encontrou foram: «Os ares tonicos da terra onde nasceu.»

Temol-o dito e mais uma vez o repetimos, que

maticas com a Allemanha a respeito do caso de Kionga.

Essa conclusão de taes negocios diplomaticos, porém não teve nada de extraordinario. Já estava tudo ultimado ainda antes de se entrar em negociações.

A questão vinha de longe e não se póde dizer que ao actual governo lhe caiba grande responsabilidade.

Aqui está como nós fazemos opposição.

E agora, que se sacuda a poeira da sala do parlamento, pondo em ordem as cadeiras e as carteiras á espera dos valentes murros dos illustres deputados da nação.

Pobres carteiras!

João Verdades.



PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Bibliotheca do Gremio S. L. Tobias Barreto. Notas pessimistas, por Ernesto Paula Santos e Manoel Arão. Serie 1 N.º 1. Recife 1894. Gracioso folheto de 32 pag., dividido em duas partes. *Reflexões de um Noivo e Reflexões de uma noiva.*

A primeira escripta, pelo sr. Ernesto Paula San-

zes transluz vivamente quão duras foram as suas digressões e os soffrimentos havidos.

Completam o boletim n.º 6 ainda outros documentos inherentes aos dois relatorios, os quaes são: *Recapitulação das latitudes e longitudes; Observações meteorologicas; Descrição dos marcos da fronteira.*

ALMANACH ILLUSTRADO DO «OCCIDENTE»

Para 1895

Sae brevemente a publico este magnifico annuario para o qual se recebem desde já encomendas na

Empreza do «OCCIDENTE», L. do Poço Novo, Lisboa

Capas para encadernação do «OCCIDENTE»

Preço da capa 800 réis, franco de porte.

Preço da capa e encadernação 1\$200 réis.

Pedidos á Empreza do «OCCIDENTE»

Largo do Poço Novo — Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade artistica e litteraria.

Barata & Sanches, antiga casa Adolpho, Modesto & C.ª